

A Arqueologia nos espelhos d'água: o inventário sistemático do patrimônio arqueológico subaquático do Baixo Rio São Francisco – Sergipe, Alagoas

Luis Felipe Freire Dantas Santos*

DANTAS SANTOS, L.F.F. A Arqueologia nos espelhos d'água: o inventário sistemático do patrimônio arqueológico subaquático do Baixo Rio São Francisco - Sergipe/Alagoas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 177-181, 2011.

Resumo: Este artigo apresenta o projeto de pesquisa que pretende realizar o levantamento, em diferentes fontes, do patrimônio arqueológico subaquático existente na região do Baixo Rio São Francisco, expor os meios de aplicabilidade de um estudo sistemático *in situ* desses sítios submersos e, também, o seu inventário. Tal projeto possibilitará, assim, a produção de conhecimento sobre os sítios arqueológicos submersos na região, bem como a divulgação dos resultados da pesquisa para todas as esferas da sociedade.

Palavras-chave: Arqueologia subaquática – Inventário sistemático – Baixo Rio São Francisco.

Introdução

O presente trabalho visa apresentar a proposta de realização de levantamentos, em diferentes fontes, referentes ao patrimônio cultural subaquático existente na região do Baixo Rio São Francisco, divisor dos estados de Sergipe e Alagoas, bem como expor os meios de aplicabilidade de um estudo sistemático *in situ* desses sítios submersos e, também, o seu inventário. O objetivo principal desse projeto é a produção do conhecimento sobre os sítios arqueológicos submersos – testemunhas materiais de diferentes épocas – como também devolver o saldo da pesquisa para a comunidade, pois quando o conhecimento não circula, fica perdido

(Funari *et alii* 2008: 136). Outro fator que atribui relevância à pesquisa é sua possibilidade de assumir um caráter de ferramenta de utilidade pública, capaz de mudar a realidade das depredações dos sítios arqueológicos submersos no Brasil. Assim, a pesquisa arqueológica subaquática surge como uma forma de mediar uma relação de auto-reconhecimento da sociedade para com o seu patrimônio arqueológico subaquático.

A Bacia do Rio São Francisco é tradicionalmente dividida em quatro segmentos: alto, médio, submédio e baixo. A área de abrangência do presente projeto corresponde ao trecho mais curto, o Baixo São Francisco, com 274 km de extensão, desde o município de Paulo Afonso até a foz (Paiva 1982 *apud* Godinho & Godinho 2003: 15). No entanto, apenas 208 km do Baixo São Francisco são navegáveis, o que corresponde ao trecho entre a cidade de Piranhas, AL até a foz, delimitando, desse modo, a área de

(*) Mestrando em Arqueologia pelo Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe (PROARQ), Bolsista FAPITEC/SE. <luisfelipe_freire@yahoo.com.br>

avergüação da pesquisa pois, possivelmente, este é o trecho que deve abrigar testemunhos materiais de atividades relativas à navegação, desde tempos pré-históricos.

O projeto servirá, também, para contribuir com o projeto de pesquisa “Carta Arqueológica Subaquática de Sergipe: inventário sistemático do patrimônio cultural subaquático” vinculado ao Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos da Universidade Federal de Sergipe, coordenado pelo Prof. Dr. Gilson Rambelli, que pretende levantar e inventariar o patrimônio cultural subaquático em todo o território de Sergipe, servindo como um mecanismo de conhecimento e gestão, dando voz, através do estudo arqueológico, a um passado tão “rico”, que ainda tão pouco conhecemos.

O sentimento de não pertencimento e de distanciamento atribuído ao ambiente aquático influencia de maneira significativa o subconsciente das pessoas que vêem o universo aquático e tudo que se relaciona com ele com certo desprezo (Rambelli 2008: 51). Portanto, é não apenas o contexto propício para a elaboração de estudos de Arqueologia Subaquática, mas também de difusão do conhecimento produzido para a sociedade, para assim desconstruir o “abismo” que separa a população do seu patrimônio.

O desrespeito e a depredação ao patrimônio cultural subaquático, principalmente dos restos de navios naufragados (denominados “sítios de naufrágios”), devem-se, em grande parte, ao desconhecimento, à desinformação e, principalmente, à falta de identidade dos depredadores com os sítios arqueológicos (Rambelli 2002: 113, 2003: 37, 2008: 51). Logo, é diante desse contexto injustificável para com o patrimônio cultural subaquático que se destaca a seriedade da concretização do presente projeto de pesquisa.

A arqueologia nos espelhos d'água

A realização de uma pesquisa no âmbito da Arqueologia Subaquática na região do Baixo Rio São Francisco justifica-se prioritariamente por dois quesitos. Primeiramente, por sua importância histórica, pois registros históricos, principalmente do século XVI, relatam atividades constantes de navegação nesse trecho do rio pelos primeiros

colonizadores do território. O outro fator que eleva a importância dessa pesquisa é o conhecimento já existente do rico potencial arqueológico da área, contexto apresentado pelos trabalhos de Arqueologia Terrestre realizados na região e que, no entanto, desconhece ainda o patrimônio arqueológico debaixo dos espelhos d'água, pois sua importância até o momento foi ignorada.

De acordo com os registros históricos, a primeira menção ao rio São Francisco foi realizada pela expedição da qual fazia parte Américo Vespúcio, em 4 de outubro de 1501, quando deparou-se com a grande foz de um rio na costa do nordeste brasileiro e, em homenagem ao protetor dos animais, São Francisco, batizou o rio com o nome do santo (Godinho & Godinho 2003). Entretanto, a navegação no São Francisco revelou-se ser anterior à chegada dos europeus, pois a bacia sempre foi uma área de grande densidade de populações indígenas.

Sir Richard Burton (1821-1890), notável explorador e orientalista britânico, em sua obra *Exploration of the highlands of the Brazil*, traduzido em português (Burton 1977), relata:

“O autor de ‘Notícias do Brasil’ (1589) informa-nos que as tribos, outrora numerosas e agora extintas, dos caetés, tupinambás, tapuias, as amorpiras, ubirajaras e amazonas – naturalmente havia também amazonas – que viviam nas margens desse rio, o chamavam de ‘Pará’, o mar. Os antigos exploradores portugueses desceram a costa de calendário em punho, e, assim, o São Francisco (de Borja) deve seu nome ao santo jesuíta a quem é consagrado o dia 10 de outubro. Varnhagen atribui a honra à pequena esquadra de cinco caravelas que, comandada por João da Nova e tendo a bordo como piloto e cosmógrafo Vespúcio, partiu de Lisboa em meados de maio de 1501” (Burton 1977: 167).

Dentro dessa perspectiva, a navegação deveria ser uma atividade rotineira desde períodos pretéritos, e esse fato fica mais claro quando analisamos o contexto arqueológico da área através dos resultados obtidos pelo Projeto Arqueológico de Xingó (PAX), que realizou o salvamento da área a ser impactada diretamente e indiretamente pela construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, desvendando um rico potencial arqueológico na década de 1990. Por meio dos resultados desses

trabalhos é possível notarmos como na região do Baixo Rio São Francisco viviam grandes quantidades de povos indígenas. Outro fator interessante a ser considerado, que pode justificar a utilização do rio, pelas atividades de navegação no período pré-colonial, são as pinturas rupestres de alguns sítios da região, a exemplo do sítio nº 356 (Cândido) da fazenda Mundo Novo, em Canindé do São Francisco, que tem representações de possíveis embarcações (pirogas), legitimando o quão antiga é a navegabilidade (uso social) do rio.

Outro caso que nos leva a inferir sobre a presença de sítios arqueológicos – no caso, um possível sítio de naufrágio – são os três canhões e a âncora que estão sob a guarda do Memorial de Sergipe da Universidade Tiradentes. A instituição tem como parte do seu acervo artefatos que são provenientes da região do Baixo São Francisco, nas proximidades do município de Penedo, AL. As peças foram adquiridas pelo Memorial de Sergipe por meio da compra a um pescador/mergulhador da região, que ofereceu os artefatos. Atendendo à solicitação da Procuradoria da República de Sergipe, conforme Ofício MPF/PRSE/LNT Nº 330/2009, o Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos da Universidade Federal de Sergipe realizou a inspeção das peças, constatando assim, que pertenciam aos séculos XVII e XIX (Rambelli 2009b: 12-14). Se, por um lado, esses artefatos iluminam os caminhos para a localização de sítios arqueológicos submersos, por outro revelam a situação de risco ao qual o patrimônio cultural subaquático está exposto.

Portanto, é necessário atuarmos por meio da Arqueologia para assim conseguirmos romper de vez com a tradição da caça ao tesouro, de origem aventureira, construída ao longo dos séculos, pois o patrimônio arqueológico é limitado e, se não tomarmos uma atitude de gestão e preservação neste momento, corremos o risco perder o nosso patrimônio (Rambelli 2002: 114).

Neste contexto, reforça-se o objetivo do projeto de estimular o uso social do patrimônio cultural subaquático e a sua sustentabilidade, considerando, para isto, a participação e o envolvimento das comunidades tradicionais locais, de forma que encontrem afinidades e identificações com esse patrimônio e com as pesquisas arqueológicas realizadas sobre ele e, dele, tire benefícios decorrentes dos serviços realizados aos sítios arqueológicos, aos pesquisadores e aos turistas.

A Arqueologia Subaquática: uma breve definição

A Arqueologia Subaquática enquanto prática arqueológica surge na década de 1960, com os primeiros estudos realizados pelo pioneiro George F. Bass, na costa ocidental da Turquia, podendo assim afirmar que:

“As ações desse arqueólogo geraram o referencial moderno relacionados com a prática da arqueologia embaixo d’água, tendo demonstrado, definitivamente, sua viabilidade enquanto prática científica e construído em bases sólidas e permanentes um novo campo de pesquisa: a arqueologia subaquática” (Duran 2008: 81-82).

No Brasil, os primeiros trabalhos nessa área se iniciaram na década de 1990, com o projeto de mestrado do arqueólogo Gilson Rambelli, intitulado “A Arqueologia Subaquática e sua aplicação à Arqueologia brasileira: o exemplo do Baixo Vale do Ribeira de Iguape”, quando realizou intervenções na região de Iguape, SP. Como afirma Rambelli (2002: 14):

“O projeto foi pioneiro na Arqueologia brasileira, que até então nunca havia se pronunciado oficialmente quanto ao interesse de inserir em seus domínios o ambiente aquático.”

O campo aberto na academia pelo pioneirismo de Gilson Rambelli possibilitou o desenvolvimento de projetos de mestrado e doutorado na Arqueologia brasileira que demonstraram as possibilidades de emprego de abordagens da arqueologia subaquática no país, valorizando, assim, o ambiente aquático como espaço de produção de conhecimento (veja, por exemplo, Bava de Camargo 2002, 2009; Rambelli 2003; Callipo 2004, 2010; Duran 2008; Guimarães 2010).

Muitas discussões epistemológicas afligem a ramificação da Arqueologia preocupada com o estudo da cultura material em ambientes aquáticos, refletindo até na pluralidade de nomenclaturas atribuídas a essa “subárea” a exemplo de Arqueologia Náutica, Arqueologia Marítima, Arqueologia Subaquática, Arqueologia de Ambientes Aquáticos (Blot 1999; Rambelli 2003; Duran 2008). Apenas podemos proferir que a Arqueologia Subaquática se diferencia

exclusivamente pelo fato de seu objeto de estudo se encontrar submerso em águas interiores (rios, lagos, represas), marítimas ou oceânicas. Como salienta o arqueólogo estadunidense George F. Bass, "tudo é Arqueologia" (1969: 17). Sobre essa multiplicidade conceitual, Bass afirma que:

"... à arqueologia subaquática devia chamar-se simplesmente 'arqueologia'. Aos que trabalham no topo do monte Nimrud Dargh na Turquia não chamamos 'arqueólogos da montanha', como também não designamos por 'arqueólogos da selva' os que trabalham em Tikal, na Guatemala" (Bass 1969: 17).

Apesar das discussões levantadas nas últimas décadas dentro do cerne da disciplina sobre a necessidade de um quadro teórico próprio para esse campo de investigação (Blot 1999), a diferença entre o trabalho do arqueólogo que atua sobre o terreno e o do arqueólogo subaquático são simplesmente técnicas. Em geral, as diferenças são: a necessidade de se levar o ar para respirar, a adaptação das técnicas para as etapas de campo e as técnicas especializadas de conservação do

material arqueológico retirado (Rambelli 2002: 58). Portanto, "*archaeology under water is not fundamentally different from archaeology on land, the standards applied should be no less stringent*" (Nautical Archaeology Society 2009: 6).

Considerações finais

Estamos em um momento que urge mudanças em prol desse patrimônio, e o presente projeto de pesquisa assume este desafio de caráter político público, porque reconhece o patrimônio cultural subaquático como sendo de todos. Daí a importância de aproximar esse patrimônio da sociedade e das autoridades (Rambelli 2009a: 11).

Apesar de esse trabalho representar a base de um projeto que está se instalando, podemos afirmar com toda certeza que, mesmo tendo uma amplitude de atuação restrita ao Baixo Rio São Francisco, ele poderá gerar mudanças no que concerne à maneira como as pessoas vêem seu patrimônio, podendo assim mudar a situação de desrespeito para com esses sítios arqueológicos no âmbito estadual, regional e nacional.

DANTAS SANTOS, L.F.F. Archaeology in the water mirrors: the systematic inventory of underwater archaeological heritage of the Lower São Francisco River – Sergipe, Alagoas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 177-181, 2011.

Abstract: This article presents the research project that seeks to carry out surveys in different sources, about the underwater archaeological heritage in the Lower São Francisco River region, exposing means of the applicability of a systematic study *in situ* of underwater sites, and also your inventory. Thus enabling the production of knowledge about the submerged archaeological sites in the region, as well as returning the results of the survey to all spheres of society.

Keywords: Underwater archaeology – Systematic inventory – Lower São Francisco River.

Referências bibliográficas

- BASS, G.F.
1969 *Arqueologia subaquática*. Lisboa: Verbo.
- BAVA DE CAMARGO, P.F.
2002 *Arqueologia das fortificações oitocentistas da planície costeira Cananéia/Iguape, SP*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
2009 *Arqueologia de uma cidade portuária: Cananéia, século XIX-XX*. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- BLOT, J.-Y.
1999 O mar de Keith Muckelroy: o papel da teoria na Arqueologia do mundo náutico. *Al-Madan*. Almada, Centro de Arqueologia, Série 2, 8: 41-55.
- BURTON, R.
1977 *Viagem de canoa de Sabará ao oceano Atlântico*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- CALIPPO, F.R.
2004 Os sambaquis submersos de Cananéia, SP: um estudo de caso de Arqueologia subaquática. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
2010 *Sociedade Sambaquieira, Comunidades Marítimas*. Tese de Doutorado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- DURAN, L.D.
2008 *Arqueologia Marítima de um Bom Abrigo*. Tese de Doutorado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- FUNARI, P.P.A.; OLIVEIRA, N.V.; TAMANINI, E.
2008 A Arqueologia Pública no Brasil e suas novas fronteiras. *Praxis Archaeologica*, 3: 131-138.
- GODINHO, A.L.; GODINHO, H.P.
2003 Breve visão do São Francisco. In: Godinho, H.P.; Godinho, A.L. (Orgs.) *Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais*. Belo Horizonte, PUC Minas: 15-24.
- GUIMARÃES, R.S.
2010 *Arqueologia em sítios submersos: Estudo de Sítio Depositário da Enseada da Praia do Farol da Ilha do Bom Abrigo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- NAUTICAL ARCHAEOLOGY SOCIETY
2009 *Underwater archaeology: the NAS guide to principles and practice*. Bowens, A. (Ed.) Second Edition. Ports Mount: Blackwell Publishing.
- RAMBELLI, G.
2002 *Arqueologia até debaixo d'água*. São Paulo: Maranta.
2003 *Arqueologia subaquática do baixo Vale do Ribeira*. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
2008 Entre o uso social e o abuso comercial: as percepções do patrimônio cultural subaquático no Brasil. *História*, São Paulo, 27: 49-74.
2009a Carta Arqueológica Subaquática de Sergipe: inventário sistemático do patrimônio cultural subaquático. Projeto de pesquisa: CNPq.
2009b Relatório de Inspeção técnica dos artefatos provenientes do rio São Francisco abrigados no Memorial de Sergipe (UNIT) e considerações. Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos, Universidade Federal de Sergipe.